

# PASSAGENS DA VIDA DE TAKAHIDE DAIJÓ CORRELACIONADAS A OBRA “O IMIGRANTE JAPONÊS”, DE TOMOO HANDA

*PASSAGES FROM THE LIFE OF TAKAHIDE DAIJÓ CORRELATED TO THE WORK “THE JAPANESE IMIGRANT”, BY TOMOO HANDA*

*PASAJES DE LA VIDA DE TAKAHIDE DAIJÓ RELACIONADOS CON LA OBRA “EL INMIGRANTE JAPONÉS”, DE TOMOO HANDA*

Harry Takahide Daijó<sup>1</sup>  
André Luiz Moscaleski Cavazzani<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo pretende comparar alguns momentos da vida de Takahide Daijó, registrados em material audiovisual narrado por ele, com os movimentos dos imigrantes japoneses expressos na icônica obra literária de Tomoo Handa. Portanto, o depoimento de Takahide e a referência aos escritos de Tomoo são paralelamente abordados. Ao se cruzarem, proporcionam uma visão pontual, porém, dinâmica e ampliada de um contexto social, bem como dos pensamentos e sentimentos isolados de um homem. O presente trabalho não se restringiu à fonte audiovisual e ao livro, encontrando suporte em ampla pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** imigração japonesa; fonte audiovisual; história; memória.

## Abstract

This paper intends to compare some moments of Takahide Daijó's life, recorded in audiovisual material narrated by him, with Japanese immigration expressed in the iconic book of Tomoo Handa. Therefore, Takahide's testimony and the reference to Tomoo's writings are addressed in parallel. As they intersect, they provide a timely, yet dynamic and expanded view of a social context, as well as of the isolated thoughts and feelings of one man. The present work was not restricted to the audiovisual source and the book, finding support in broad bibliographical research.

**Keywords:** Japanese immigration; audiovisual source; history; memory.

## Resumen

Este artículo pretende comparar algunos momentos de la vida de Takahide Daijó, registrados en material audiovisual narrado por él, con los movimientos de inmigrantes japoneses expresados en la icónica obra literaria de Tomoo Handa. Por lo tanto, el testimonio de Takahide y la referencia a los escritos de Tomoo se abordan en paralelo. A medida que se cruzan, brindan una visión puntual pero dinámica y ampliada de un contexto social, así como de los pensamientos y sentimientos aislados de un hombre. El presente trabajo no se limitó a la fuente audiovisual y el libro, encontrando apoyo en una amplia investigación bibliográfica.

**Palabras-clave:** inmigración japonesa; fuente audiovisual; historia; memoria.

## 1 Introdução

---

<sup>1</sup> Bacharelado em História pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: harrydaijo@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor do Centro Universitário Internacional —Uninter. E-mail: andre.ca@uninter.com

A imigração japonesa tem sido exposta de muitas maneiras. No aspecto literário, uma obra — por ser citada copiosamente e em vários trabalhos — tornou-se, ao longo dos anos, uma incontestável referência: *O imigrante japonês. História de sua vida no Brasil*, de Tomoo Handa.

O livro foi originalmente escrito no idioma japonês e publicado no Japão, em 1970, com o *Imin no seikatsu no rekishi, Brasil nikkeijin no ayunda michi* (“O caminho trilhado pelos *nikkeis* do Brasil”). O lançamento no Brasil só ocorreu muitos anos depois, quando Tomoo tinha 81 anos.

Em suas 828 páginas, divididas em doze partes, o autor transita entre os anos 1908 e 1968, narrando a caminhada e o entrelaçamento de dois povos — os imigrantes e seus anfitriões.

Takahide Daijô, por sua vez, não deixou uma obra literária icônica. Todavia, incursionou, em meados dos anos 1930, no ambiente educacional. Com 32 anos de idade, após habilitar-se para o ensino nas escolas particulares<sup>3</sup> e, em seguida, obter o registro de tradutor público para o idioma japonês<sup>4</sup>, publicou a trilogia *Método Prático da Língua Japonesa*<sup>5</sup>.

Cada livro tinha cerca de 30 páginas e apresentação bastante simples. Foram divididos, em termos pedagógicos, com certo critério: o primeiro e o terceiro volumes versavam sobre a “Tradução de Leitura Escolar do Japão”. O segundo era destinado ao “Uso Comercial”. Conforme depoimento do autor, foram comercializados dez mil exemplares desses três volumes, o que representou uma mudança significativa em sua vida.

Takahide nasceu em Itoman, Okinawa, em 1903, e Tomoo, em Utsunomiya, Tochigi, em 1906. Teriam pouco em comum, afora a nacionalidade e a contemporaneidade, mas um ano em especial, ainda que indiretamente, os ligaria: 1917 — em que ambos desembarcaram no Brasil. Tomoo desembarcou do Kawasa Maru em junho, e Takahide desceu do Kawashi Maru em agosto.

Tentar entender por que ambos vieram parar no Brasil, como interpretaram as suas próprias trajetórias, e conjecturar quais foram as suas primeiras impressões desse novo mundo é algo inquietante. Na verdade, esse vínculo entre os dois personagens, ora proposto, não teria acontecido se um arquivo audiovisual, com pouco mais de uma hora de duração, produzido de maneira amadora em janeiro de 1991, não tivesse vindo à tona.

Ao ouvir o depoimento de Takahide, somos conduzidos à obra de Tomoo. Algumas frases parecem, inclusive, tiradas do livro *O imigrante japonês*, o que é compreensível porque o material escrito por Tomoo versa justamente sobre a imigração e os imigrantes. Contudo, o

---

<sup>3</sup> Atestado de aprovação emitido em 18 julho de 1935, pelo Governo do Estado de São Paulo, de acordo com o art. 159 do Código de Educação.

<sup>4</sup> Registro publicado no Correio Paulistano em 25 de julho de 1936.

<sup>5</sup> Título original: “Methodo pratico da lingua japoneza por Takahide Daijô”.

fato de lidar com um fragmento da história de um homem comum e tentar resgatá-lo do anonimato é, decerto, uma oportunidade. Trata-se, à vista disso, de uma fonte oral, visual, com conteúdo claro e relevante e perfeitamente registrada. Percebe-se nisto outro impulsionador desta pesquisa.

Em outras palavras, a história oral consiste em realizar entrevistas com pessoas que vivenciaram determinados processos da história contemporânea; que foram testemunhas de momentos marcantes; que fizeram parte de instituições, grupos, partidos ou organizações. Ela também pode ser utilizada para compreender modos de vida do passado, formas de pensar, hábitos, transmissões de saberes, crenças, entre outros aspectos. Além disso, é uma forma de dar voz aos sujeitos anônimos, negligenciados e marginalizados da história e pode se constituir em uma maneira de oferecer outra visão sobre determinado evento ou tema — o que, muitas vezes, não é possível por meio das fontes escritas (SCARPIN; TREVISAN, 2018, p. 175).

As similaridades e, às vezes, disparidades entre as afirmações desses dois imigrantes não só se complementam, mas, juntas, valorizam-se e ganham qualidade.

A entrevista de Takahide guiará este artigo.

Ao analisar o registro audiovisual, principalmente em seus minutos finais, percebe-se que o entrevistado ainda tinha muito o que contar. A gravação termina de maneira um tanto abrupta, quando ele começa a relatar os primeiros momentos de seu relacionamento afetivo com Rosa Kiguti<sup>6</sup>, sua futura esposa.

Tendo por objetivo proporcionar o máximo de fluidez à leitura, evitou-se, neste artigo, a transcrição literal da fala de Takahide. Algumas digressões, repetições e outros inconvenientes, típicos da linguagem falada e que poderiam ficar truncados ou até incompreensíveis na transcrição, foram suprimidos. A exclusão desses chiados foi feita de maneira analítica e criteriosa, sempre zelando pela preservação do conteúdo da mensagem.

## 2 Pioneiros

Apesar dos muitos imigrantes japoneses desembarcados no Brasil quando da chegada de Takahide e Tomoo, ambos se enxergavam como verdadeiros pioneiros, o que era motivo para vaidade e ressalva. Ambos ressaltam os (apenas) nove anos entre a chegada dos primeiros imigrantes e a deles próprios e fazem menção a seus precursores. O sensível orgulho de estarem entre os primeiros imigrantes a pisarem em solo brasileiro é, pois, fator de interconexão entre os dois depoimentos.

---

<sup>6</sup> Em alguns documentos históricos, a grafia “Kiguti” é substituída por “Kiguchi”.

Ao explicar sua mudança da Fazenda São Martinho para a Fazenda Guatapará<sup>7</sup>, Takahide destaca: “Takahide Daijô chegou ao Brasil nove anos depois do primeiro imigrante, nove anos já tinham passado, nove anos; portanto, os antecessores já tinham seu arrozal na fazenda chamada Guatapará” (DAIJÓ, 1991, 18m07s).

Tomoo Handa, por sua vez, na apresentação de sua obra, no tópico “Palavras do Autor”, escreveu: “Em 1917<sup>8</sup>, ano em que vim ao Brasil, havia apenas nove anos que os primeiros imigrantes japoneses, trazidos pelo Kasato Maru, tinham se instalado nesta terra” (p. 19).

### 3 Família composta

Um tópico que Tomoo Handa aborda várias vezes em seu livro é o das “famílias agrupadas para conveniência da imigração” (p. 41). O capítulo 30 é especialmente destinado ao assunto: “Os infortúnios dos membros da ‘família composta’” (p. 305).

Takahide viveu essa experiência. Em seu depoimento, afirma que precisou compor uma família com seu primo, Ushi Oshiro, e a esposa dele, para emigrar ao Brasil. Ushi, nascido em 1894 e quase 10 anos mais velho que Takahide, naturalmente tornou-se o chefe dessa nova célula familiar. Na entrevista, Takahide não se lembra do nome da esposa de Ushi. A Lista Geral de Passageiros do navio Kawashi Maru esclarece a dúvida: Ushiguwa Ogusuku, que tinha 19 anos na época de sua emigração para o Brasil.

Os três seguiram uma espécie de roteiro delineado na obra de Tomoo. Com efeito, uma família composta não promovia e, muito menos, mantinha o senso de pertencimento similar ao de uma família comum. Takahide testemunhou essa fragilidade, uma vez que, pouco mais de um ano depois de sua chegada ao Brasil, já não contava com a companhia dos primos, os quais seguiram seus próprios caminhos.

Quem, depois de vir para o Brasil, experimentou a solidão e o sofrimento sem que ninguém tomasse conhecimento disso foram os moços e moças das chamadas “famílias compostas”. [...] Fiéis aos compromissos assumidos por ocasião da saída do Japão, e porque simplesmente se prestaram a possibilitar a vinda dos chefes de família ao Brasil, dela se separavam uma vez cumprido o prazo do contrato depois de aqui terem chegado, ou mesmo antes, caindo fora depressa e tornando-se livres se fossem moços decididos desiludidos com a falta de fibra dos chefes de família (HANDA, 1987, p. 305).

---

<sup>7</sup> “Tratava-se de uma grande fazenda, cuja propriedade tinha a área de 9.000 alqueires e 2.100.000 cafeeiros, contando com numerosos colonos estrangeiros” (HANDA, 1987, p. 51).

<sup>8</sup> De acordo com a Comissão de Edição da História da Expansão dos Japoneses no Brasil (1942), entre os anos 1917, 1918 e 1919, aproximadamente 180 mil japoneses emigraram para o Brasil, Canadá, EUA e Havaí.

Segundo testemunho de Takahide, o casal que o acompanhou ao Brasil se saiu bem. Conseguiram, dentro de um prazo razoável, acumular algum dinheiro — o suficiente, ao menos, para levá-los de volta ao país natal. Segundo Takahide, Ushiguwa não engravidar foi o motivo para a separação do casal. O depoimento segue e surpreende. No Japão, após o divórcio, Ushi se casa com a irmã de Takahide: Sige. Juntos constituem família e têm cinco filhos.

Vimos emigrados e Takahide Daijô trabalhou com o primo pouquinho tempo. Depois se separou e ficou independente. [...] Trabalhou um ano, um ano e pouco junto. [...] Depois, então, o primo trabalhou com a sua esposa e juntos ganharam, compraram terra, plantaram café e arrumou dinheiro. Com esse dinheiro, voltaram ao Japão. Chegando no Japão, não tinham filhos. Então se divorciaram. (DAIJÓ, 1991, 15m43s).

#### 4 Mudança de nome

O primeiro momento do audiovisual de Takahide tem pouca relação com a obra de Tomoo, ao apresentar a circunstância da mudança de nome e sobrenome de Takahide. Na realidade, tal iniciativa não era comum. Presume-se, assim, tratar-se de uma das peculiaridades desse imigrante, que ao chegar ao Brasil se chamava Jira Oigusuko. Para mudar de nome, Takahide contou com a presteza do Sr. Seizen Oshiro, que trabalhava em um cartório no Japão. O Sr. Seizen foi casado com a Sra. Kamithian Oshiro, irmã de Takahide. O processo não foi simples e, na entrevista, Takahide faz questão de destacar que foi custoso mudar de sobrenome. Não se alonga ao explicar o porquê da opção “Daijô”. Com visível orgulho, diz somente que “Daijô significa Supergrande” e que “achou muito bonito e queria perpetuar esse sobrenome, divulgando para seus descendentes, ofertando-lhes a segurança do sobrenome, e aumentar os seus parentes com esse sobrenome” (DAIJÓ, 1991, 01m36s).

Destaca também que Daijô é homônimo de Oshiro e ambos os termos poderiam ser traduzidos como “Grande Castelo”. Quanto ao nome “Takahide”, explica o entrevistado, significa “sobressaído”, sobressaído de muita gente, destacado de um grupo.

O excêntrico gesto guarda consigo uma espécie de segredo, não desvendado no material audiovisual em análise. O que, francamente, estaria por trás dessa mudança tão expressiva e radical? Mudar o nome e o sobrenome, conferidos a ele por seus pais e antepassados, apoiando-se num argumento pueril, — simplesmente porque achava Daijô “bonito” — não parece razoável. O imigrante queria apagar seu passado? Queria se desconectar das suas origens? Queria repreender seus pais? Ou queria começar do zero a escrever uma nova história? Essas perguntas ficaram sem respostas.

O entrevistado também aponta que nenhum dos seus irmãos ou irmãs alterou o sobrenome. Após competente trâmite no Consulado Geral do Japão, tal oportunidade de mudança lhes foi apresentada. Ninguém levou adiante tal manejo. Takahide afirmou que “deu documento de mudança para seus irmãos. Eles não mudaram. Eles “ficaram por isso”. Então essa mudança parou no Consulado Geral do Japão” (DAIJÓ, 1991, 11m18s).

## 5 Vinda dos irmãos e desligamento definitivo do Japão

Em seu livro, Tomoo Handa descreve o penoso momento vivido pelos imigrantes japoneses em solo brasileiro no período da II Guerra Mundial. O autor destaca o dilema que então aturdiava essas pessoas: permanecer no Brasil ou retornar ao Japão? Tomoo cita o livro *Os japoneses de Bauru*, de Shungoro Wako, publicado em 1939, que aborda o impasse desde o prefácio, sob o título “Imigração permanente ou retorno”.

De acordo com o texto, 85% dos imigrantes desejavam voltar à sua pátria. Takahide Daijô fazia parte dos outros 15%. Além de desejar, firmemente, ficar no Brasil, fez mais: agiu rapidamente e trouxe do Japão — são e salvos — todos os seus irmãos e irmãs.

Antes da segunda guerra, Takahide Daijô era leitor de jornal e por essa leitura ficou conhecendo bem claro que vinha a II Guerra Mundial. Portanto, a família que está no Japão corre perigo de ser esmagada pela guerra. Takahide Daijô, compreendendo isso, chamou essa família para vir ao Brasil [...] inclusive, orientou que vendessem todos os bens da família e propriedades, liquidassem tudo, porque deixando em sobra – alguma coisa lá no Japão – ficaria custoso ir buscar, proteger, controlar essa administração. (DAIJÓ, 1991, 05m45s)

Curioso destacar e contextualizar que quando Takahide toma a decisão de trazer os seus irmãos e irmãs, a guerra era incipiente e o Japão gozava de bom prestígio, uma vez que, após incursões belicosas assertivas, estava ocupando espaço relevante no cenário internacional.

O Japão tinha atingido agora o seu objetivo de igualar as potências ocidentais e de ser levado a sério por elas. Longe de ter de fazer face à ameaça de colonização pelas potências imperialistas, como temera algumas décadas atrás, estava agora em condições de tomar o seu lugar entre elas (HENSHALL, 2017, p. 132).

Dessa maneira, independentemente de quem saísse vitorioso do conflito que se avizinhava, entende-se que Takahide tinha verdadeiro interesse pela preservação da vida dos seus familiares diretos e convicção de que sua família deveria iniciar uma nova jornada no Brasil.

Por ser o primogênito, após a morte de seus pais Takahide tinha certa autoridade familiar (algo usual na cultura japonesa), de modo que, provavelmente depois de muito refletir, fez a

dura opção: afastar-se mais claramente do Japão e se entregar, agora em companhia dos irmãos, ao Brasil.

## 6 Da fazenda São Martinho para Guatapará

Durante seu primeiro ano na fazenda São Martinho (próximo de Ribeirão Preto), como Takahide mesmo disse, “trabalhava de enxada, colono, apanhava café” (DAIJÓ, 1991, 17m30s).

Ao descontar a refeição do salário que recebia, mal sobravam 300 réis por dia. Buscando melhor oportunidade, resolveu mudar-se para a fazenda Guatapará, mais especificamente para uma colônia de japoneses rizicultores: Mombuca.

Takahide buscou, desse modo, amparo junto aos migrantes que já tinham conquistado algum espaço (ainda que efêmero), fora das grandes fazendas. Nessa colônia, aceitou trabalhar ganhando 30 mil réis por mês, livres de comida. A esse respeito, afirmou: “[...] já era, portanto, uma grande salvação” (DAIJÓ, 1991, 18m41s). Todavia, ficou nessa posição apenas três meses.

Em Mombuca, ao deparar imigrantes recém-chegados (alguns de fisionomia conhecida), foi atraído para se aventurar no noroeste do estado (onde, diziam, havia melhores possibilidades). Dirigiu-se, então, com esses companheiros para a região de Birigui e Araçatuba, onde contraiu malária.

Esse movimento dos imigrantes, das fazendas onde foram inicialmente alocados para as “fazendas independentes”, ou para os “modernos sítios”, não passou despercebido ao registro de Tomoo.

Segundo entendimento do escritor, especialmente após os anos de superprodução do café (1906-1907), a relação oferta *versus* demanda desequilibrou-se, gerando fortes descontos nos preços. Para minimizar os efeitos colaterais de tal cenário, a solução encontrada pelos fazendeiros foi vender pequenas frações de seus latifúndios, dando, assim, maior liquidez às operações em aberto.

A moderna agricultura no Estado de São Paulo vinha sendo desenvolvida, inicialmente, nas grandes fazendas controladas pelos igualmente grandes latifundiários. No entanto, depois da crise gerada pelo excesso de produção de café, no início do século, a agricultura se tornou intensa também nas fazendas de médios e pequenos proprietários. Foi o que aconteceu também na região Noroeste, com um fôlego admirável, aproximadamente a partir de 1920 (HANDA, 1987, p. 525).

Esse movimento de alienação de pequenas glebas de terras a preços competitivos favoreceu aqueles imigrantes (não só aos japoneses) que tinham conseguido, até ali, compor alguma reserva.

Tomoo também assinala em sua obra o início do cultivo do arroz, pelos imigrantes japoneses, em solo brasileiro. Aliás, o capítulo 20 de seu livro destaca “Os pioneiros no cultivo do arroz” (p. 209).

Os japoneses rapidamente perceberam que, se por um lado, as áreas de baixada e as regiões de banhado eram totalmente inadequadas ao cultivo do café, por outro, eram adequadas para a rizicultura. Assim, mesmo com pouco dinheiro para investir, o discurso dos imigrantes nipônicos seduzia os fazendeiros, afinal, aquelas áreas eram, aos olhos destes, um tanto inaproveitáveis.

## **7 Malária**

Muito provavelmente, Takahide seguiu de trem para Birigui (algo habitual naqueles dias). Mal sabia o que lhe aguardava. A própria estrada de ferro que o transportava era uma espécie de prenúncio silencioso. A sua construção tinha sido palco, alguns anos antes, por volta de 1908, de duras batalhas entre trabalhadores e indígenas, e de ambos contra a malária, doença que quase levaria o jovem imigrante, precocemente, a óbito.

A malária é constantemente abordada no livro de Tomoo. Lendo vários trechos, é possível entender o roteiro que levou Takahide a essa condição: deitado no chão, delirando de febre e flertando com a morte.

Tomoo relata, por exemplo, um episódio intitulado “A tragédia da Ilha Grande” (p. 380), onde conta que 40 famílias desembarcaram no Brasil e, após inúmeras mortes e algumas fugas, restaram tão-somente quatro famílias.

Entretanto, passada a estação das chuvas, quando a colheita já se avizinhava, uns após outros os imigrantes começaram a adoecer, da mesma forma que seus compatriotas do núcleo Hirano: era o surto de malária que os assolava. Chegou-se a tal ponto que, das 40 famílias, somente uma ainda se mantinha em condições de trabalhar no campo. Naquela época, só contavam com a quinina, além da injeção de pardan (HANDA, 1987, p. 381).

Em seu depoimento, Takahide associa o período em que ficou enfermo com o momento em que se deu seu aprendizado do português. Enaltecendo suas virtudes de autodidata, ele diz, sem falsa modéstia, que aprendeu português “sozinho” e “imediatamente”.



Tinha livro que ensinava língua portuguesa por meio da língua japonesa. Então, Takahide, conhecendo a língua japonesa, leu. Leu e compreendeu o significado do português. Sozinho aprendeu. Ficou, dentro de pouco tempo, ficou destacadamente diferente do outro. Isso é que é importante. Sozinho e imediatamente! [...] Tempo que mais aprendeu, pegou maleita. Mas, da maleita, melhorou. Paco comprou remédio, trouxe e, tomando esse remédio, maravilhosamente, uma maravilha, sarou dessa doença mortal e custosa de curar (DAIJÓ, 1991, 27m43s).

Rapidamente percebeu e teve consciência do seu diferencial, perante outros imigrantes que não compreendiam o idioma local, afirmando: “enquanto os outros continuavam sem saber nada, Takahide, sozinho, aprendia” (DAIJÓ, 29m12s).

## 8 Campo Grande

Pelo depoimento cronológico que fez, Takahide trabalhou um ano e meio em uma empresa de japoneses, produtora de açúcar. “Fui lá trabalhar. Trabalhei muito tempo, mas, a companhia estava meio pobre. Não pagou. Então procurei meio de deixar essa companhia. Tinha 18 anos de idade. Grande, mocinho já” (DAIJÓ, 1991, 24m15s). Chamava-se Companhia Japonesa de Açúcar, localizada em Campo Grande.

Campo Grande, aliás, foi uma cidade muito importante para os okinawanos e não passou despercebida por Tomoo, que dedicou um capítulo inteiro a essa temática: “O desenvolvimento dos okinawanos em Campo Grande”.

A busca pela prosperidade continuava e o enriquecimento era algo cada vez mais longínquo não apenas para Takahide. A grandiosa obra de construção da ferrovia mato-grossense era a alternativa que muitos estavam buscando. Segundo Tomoo era a “Terra da Promissão”; afinal, “um dia de trabalho garantiria praticamente um mês inteiro no Japão” (HANDA, 1987, p. 387-388).

Porém, nem tudo era positivo. Tomoo destaca: 1) o surto de malária também afligia Campo Grande, região notadamente pantanosa, remota, onde inúmeros imigrantes sucumbiram; 2) a presença de animais selvagens e de indígenas, que em muitos casos antagonizavam com os recém-chegados. O ambiente era, portanto, inquietantemente hostil e inóspito.

As obras dessa ferrovia foram concluídas em 1915, antes, portanto, da chegada de Takahide ao Brasil. Contudo, a enormidade da empreita e os bons salários foram chamarizes para seduzir e atrair grande quantidade de okinawanos para a região. Tal precedente motivou a ida do jovem Takahide para a mesma cidade por volta de 1920, fato que podemos identificar tanto no depoimento de Takahide quanto na obra de Tomoo, as quais parecem se alinhar, inclusive, em termos cronológicos.

Takahide, segundo ele mesmo afirmou, foi trabalhar como carpinteiro na construção de quartel do exército. Ao ler o texto de Tomoo, é possível enxergar Takahide transitando por suas linhas:

Os imigrantes que afluíram para Campo Grande nem sempre visavam à colonização da mata virgem. Com a instalação do quartel, entre 1920 e 1922, e consequente aumento do número de soldados, a demanda de capim e verduras para alimentar os cavalos cresceu sensivelmente, enquanto o aumento gradual da população da cidade ofereceu condições para o surgimento de pequenos agricultores em torno da cidade. (HANDA, 1987, p. 394)

Em sua entrevista, Takahide destaca e detalha as razões de sua mudança:

Fui para Campo Grande, Mato Grosso, trabalhar de carpinteiro. Eu tenho prática! Sou capaz de construir tudo isso aí! Sei trabalhar com madeira. Só tijolo, não. Com tijolo nunca trabalhou. [...] De carpinteiro, fiquei um ano mais ou menos. Carpinteiro. Construção do quartel militar. Campo Grande tem quartel de soldados. Foi construído no meu tempo: 1921. [...] Fui sozinho para lá (DAIJÓ, 1991, 25m58s).

Justamente no período em que Takahide caminhava por aquela região, Tomoo aponta uma estatística interessante: “o número de famílias japonesas em Campo Grande por volta de 1920 beirava 50, e delas apenas uma não era de Okinawa” (HANDA, 1987, p. 396). Nessa época, Takahide estava vivendo em um ambiente bem servido de conterrâneos. Entretanto, isto não transformava o cotidiano do povoado em algo fácil. Ao contrário:

Campo Grande dos primeiros tempos era tida como uma cidade selvagem, para onde convergiam todo tipo de errantes da sociedade e onde o homicídio já não era novidade, o que levou aqueles que lá pretendiam fixar-se a tomar uma série de precauções. (HANDA, 1987, p. 395)

Todavia, não eram só os “errantes” que seguiam para lá. A cidade concentrava também muitos pecuaristas e vaqueiros, movimento observado por Tomoo. Esses personagens, direta ou indiretamente, influenciariam Takahide Daijô a se aventurar, futuramente, na criação de animais.

## 9 Arroz

Tomoo dedica um capítulo do seu livro aos hábitos e costumes dos imigrantes. O primeiro deles é, justamente, “o hábito de comer arroz e tomar banho de ofurô<sup>9</sup>” (HANDA,

---

<sup>9</sup> Um tipo de banheira, mais parecida uma barrica/barril, normalmente feita de madeira. Os japoneses a enchem com água quente, o japonês fica submerso, em relaxamento, por algum tempo. No Brasil, os descendentes também a chamam “ofurô”.

1987, p. 535). Uma vez que o arroz era um produto caro (inclusive no Japão), os japoneses buscavam, constantemente, alternativas para substituí-lo ou incrementá-lo.

Tomoo observa que os imigrantes misturavam o grão com batata-doce, mandioca, fubá ou canjica. Tudo para ganhar volume e fazê-lo render mais. Nada, contudo, parecia ser melhor que o “gohan” (o arroz japonês); branquinho, cozido sem qualquer tempero e bem fofo.

O grande problema era mesmo o arroz. [...] Imagina se não houvesse arroz no Brasil! A vida nas fazendas era dura, mas havia o arroz. Com a única ressalva de que para eles era caro, em função da renda que tinham, razão pela qual não havia quem não vivesse quebrando a cabeça procurando economizá-lo (HANDA, 1987, p. 535).

Quando da sua passagem pelos campos de algodão, Takahide, também buscando alternativas nutricionais ao arroz, descobriu o poder da dupla fubá e café. Sua inocente descoberta, em um primeiro momento, além de mais barata, traria-lhe força e disposição. Não entendia como apenas ele conhecia essa solução mágica! Arreponder-se-ia depois.

Plantando algodão, tomando café e comendo fubá, estragou saúde. Prisão de ventre. Dinheiro não tem. Começou a comer farinha de milho. Queria muita força! Tomava café. Era melhor que cozinhar arroz e feijão. Mas, estava errado! Precisava saber que café tem cafeína e é muito perigosa a cafeína. Mas, eu não sabia disso. Se tivesse tido alguma pessoa que indicasse quão perigosa era a cafeína, tinha deixado de tomar café. Eu pensei: “como é que nossos antecessores não descobriram esse segredo de tomar café e comer farinha de milho?” Eu estava errado; (DAIJÓ, 1991, 33m03s).

Na entrevista, ele explica os motivos do arrependimento e reforça o alerta sobre os males que o café provoca: “Aqui, no Brasil é proibido falar mal do café, não é?!” (DAIJÓ, 1991, 36m05s).

## 10 Experiências profissionais

Os movimentos constantes de Takahide, especialmente durante determinado período de sua vida, transitando não só geograficamente, mas nas diversas atividades profissionais que desempenhou, não poderiam ser interpretados simplesmente como mera falta de resiliência ou insegurança.

Assim como outros imigrantes, ele buscava a riqueza, a prosperidade, de maneira que caminhava em trilhas que lhe conduzissem a um melhor resultado financeiro. Tomoo, mais de uma vez, também observa esse comportamento: “A intensa mobilidade dos primeiros imigrantes se deu não porque não gostassem da agricultura em si, mas porque eram poucas as oportunidades de ganharem dinheiro rápido no setor agrário, como queriam” (HANDA, 1987, p. 597).

A caminhada de Takahide foi, na maioria das vezes, solitária. Ele não encontrou bons resultados quando se sujeitou à orientação de outras pessoas. Ao que tudo indica, a pouca idade o deixou mais vulnerável. Um pouco mais maduro e não dependendo tanto da opinião dos mais velhos, sua vida melhorou.

Sozinho sempre bem-sucedido. Nunca prestou andar com companheiro. Porque com companheiro tinha que obedecer às palavras dele. Companheiro de Takahide sempre mais idoso. Em todos os lugares, Takahide era sempre mais novinho; então, tem que obedecer às palavras dos mais velhos. Nunca prestou! Takahide, trabalhando sozinho, idealizando sozinho, sempre melhorou. Depois, mais tarde, não dependia dos mais velhos... aí que cresceu. (DAIJÓ, 1991, 26m30s)

Takahide foi para São Paulo. Figurava no seu histórico a passagem como carpinteiro no quartel de Campo Grande. Um diferencial. Assim sendo, ele insistiu no ofício de carpinteiro, atividade que duraria pouco.

Em São Paulo procurou serviço de carpinteiro. Mas, carpinteiro não convinha. Porque carregava ferramenta para a construção, mas, ela não dura! Construção acaba num instantinho. Então, agora vai para outra casa. Aquela também acaba num instantinho. É melhor trabalhar de marceneiro. Tinha prática de marceneiro. Takahide pediu para um homem arranjar-lhe emprego. Ele arranjou. Apontou: tal casa precisa de gente. Então, fui lá. Trabalhei e já estava ganhando. Três anos, mais ou menos, trabalhei de marceneiro (DAIJÓ, 1991, 30m18s).

Na verdade, não só ele. Tomoo trata claramente dessa que talvez fosse a única possibilidade para muitos imigrantes:

Pesquisando o fato na *História dos 40 anos*, observamos que essa expansão era encabeçada, em termos de profissão, pelo ofício de carpinteiro, fenômeno duplamente interessante: primeiro, porque se pode constatar que já existiam carpinteiros dentre os primeiros imigrantes, e segundo porque - excetuando-se dois ou três profissionais verdadeiros - os demais “carpinteiros” eram todos improvisados, de última hora, provavelmente à base do: “Qual o que, é fácil ser carpinteiro!” (HANDA, 1987, p. 153).

Takahide mudou de profissão. Virou marceneiro, algo mais requintado. Durante o período, continuava a procura de emprego e encontrou um intrigante: “administrador de fazenda”. Seria um salto qualitativo no seu currículo.

Estava procurando emprego. Li anúncio no jornal: “precisa-se de administrador de fazenda”. Como eu tinha prática, não tive receio de trabalhar na fazenda. Sabe mandar, tem conhecimento profundo, é muito estudioso, sabe das coisas com detalhes. Então fui para os fundos de Araçatuba, em povoado chamado Lavínia. Lavínia é o nome da esposa do antigo patrão, Joaquim Franco de Melo. Na verdade, eram três sócios, o Joaquim, o Raul e o Rubens Franco de Melo. Eu, então, aceitei ser administrador da fazenda. Tinha 24 anos de idade. Ainda era rapazinho novo. Mas, não deu muito certo e eu voltei para Araçatuba. (DAIJÓ, 1991, 37m20s)

Apesar da incursão, como Takahide mesmo afirmou, não ter dado certo, o afastamento dos poderosos Franco de Melo foi bastante amistoso; tanto que o Sr. Joaquim Franco de Melo se tornou padrinho do segundo filho de Takahide, Harry Daijô.

Os anos passaram e Takahide acumulou experiências. Porém, não se sentia realizado em nenhuma delas. Aproveitando sua liberdade e incomodado por um desarranjo de saúde, Takahide fez um movimento inusitado.

Eu sou solteiro. Casa não tem. Por onde andar é minha casa. Então, voltei para Araçatuba. Como sofria cotidianamente de prisão de ventre, eu queria curar minha saúde. Procurei um médico e perguntei: “eu posso trabalhar graciosamente? Não tens serviço de ajudante?” Trabalhei, mais ou menos, um ano aí — sem ganhar nada. A proposta foi minha: de trabalhar sem ganhar nada! O médico concordou. Dinheiro não tinha, mas, sempre um pouquinho tem, não é?! Depois disso, entrei na farmácia. Médico aqui, farmácia encostada ali. Trabalhei ali três anos (DAIJÓ, 1991, 40m08s).

Seguiu disciplinadamente um passo a passo até conquistar a gerência da farmácia. Certamente, um divisor de águas.

Primeiro lavador de vidro, logo gerente de farmácia. Faz tudo, manda dinheiro, compra e venda, tudo, tudo. A farmácia chamava Castilho. O dono chamava-se Alípio de Castilho. Um homem idoso. O médico chamava-se Dr. Athayde Pacheco. (DAIJÓ, 1991, 41m42s)

Para se ter uma ideia do prestígio de Takahide àquela altura, é importante lembrar que a inauguração de uma farmácia marcava o progresso de um povoado. No capítulo 43, que versa sobre o “aparecimento e expansão das cidades do interior”, Tomoo promove essa visão:

Numa próxima etapa, surge a farmácia. Ela passa a se encarregar do fornecimento de remédios para resfriados, diarreia e de quinino, antes encomendados no armazém. O dono da farmácia faz também as vezes de um médico, da mesma forma que cuida de curativos de ferimentos e de pruridos. Como também aplica soro antiofídico, o pessoal agora se sente mais protegido. O dono da farmácia, mais instruído que os donos de armazém ou botequim, passa a ser uma autoridade respeitada na cidadezinha (HANDA, 1987, p. 496-497).

O autodidatismo de Takahide, a sua juventude e vontade de crescer, aliados a uma boa dose de sorte e senso de oportunidade, transformaram-no em um comerciante. Soa impensável seu próximo setor de atuação: bilhar!

Depois da farmácia eu montei bilhar. Eu tenho fotografia do bilhar. Bilhar: tem bolinhas. Depois, mais tarde, achou melhor juntar com o bar. O bar era dirigido por outro homem. Eu dono do bilhar, ele dono do bar. O dono do bar chamava Joaquim. Uns dois ou três anos durou (DAIJÓ, 1991, 42m38s).

A obra de Tomoo indica quão usual era a atividade (a ponto de constar em seu livro): “Como lazer, após o bilhar, a partir de 1916 o beisebol ganhou destaque e creio que isso contribuiu muito para disciplinar os hábitos sociais dos rapazes” (HANDA, 1987, p. 178).

Também pontua, estatisticamente, que na cidade de São Paulo, para o lazer, havia, no início dos anos 1930, duas casas de bilhar de japoneses — fora das instalações do Nippon Club: “Na época, porém, o pessoal já estava começando a frequentar as casas famosas dos brasileiros. No Taco de Outro, na Quintino Bocaiúva, por exemplo, invariavelmente, havia um ou outro japonês” (HANDA, 1987, p. 582).

Quando a entrevistadora pergunta para Takahide: “o senhor sabe jogar bilhar?”, ele, pronta e enfaticamente, responde: “Não! Para brincadeira não tem tendência. Tendente mais para leitura, jornais e livros. Bilhar é para ganhar e receber. Não era para eu jogar” (DAIJÓ, 1991, 44m05s).

Nesse bilhar, alguma vez tinha pouco serviço. Então eu escrevi um livro nesse bilhar. Tinha um amigo poliglota, que sabia falar inglês, português e espanhol. Muitas línguas. [...] Então trocamos aprendizagem da língua. Eu ensinava para ele japonês e ele corrigia o meu português. Então nesse lugar, nessa casa, onde havia o bar e o bilhar (com três mesas) eu escrevi: Método Prático da Língua Japonesa (DAIJÓ, 1991, 44m30s).

Infelizmente, apesar do esforço, o entrevistado não se lembrou do nome desse amigo poliglota; reitera, porém, ser “muito amigo”. Recordou, ainda durante o colóquio, que o filho desse amigo poliglota é dono de jornal, o *Jornal de Pinheiros*.

## 11 Método prático da Língua Japonesa

A iniciativa de Takahide de desenvolver, escrever e publicar um método, segundo ele, “prático”, para ensinar japonês aos brasileiros e vice-versa, é bastante atípica. Valeu-se, conforme depoimento, do tempo ocioso que a casa de bilhar lhe proporcionava.

Método Prático da Língua Japonesa, primeiro no mundo hein?! Não tem livro semelhante. Tinha 33 anos de idade quando escrevi. Já formado! Carregou livro, vendeu. Então, sobrou um pouquinho de dinheirinho e com esse dinheiro comprou terra. Dez mil fascículos! Comprou terra em Valparaíso (DAIJÓ, 1991, 46m41s).

Há, na obra de Tomoo, um bom destaque ao processo educacional como um todo, às escolas (desde as pioneiras), passando pelo dilema dos primeiros imigrantes em ensinar o idioma japonês ou português aos seus filhos, lembrando também da opressão à língua japonesa durante a Segunda Guerra. Também é abordado o esforço dos pioneiros na área educacional,

com destaque para o professor Shinzo Miyazaki. O livro de Tomoo não cita, contudo, qualquer iniciativa similar à empreendida por Takahide.

A tiragem expressiva e a venda desses livros possibilitaram a Takahide, finalmente, adquirir sua primeira área agrícola.

## 12 Compra de terra

Da maneira que Takahide conta na entrevista, quando tinha cerca de 35 anos, sua vida mudou bastante em termos patrimoniais. Em um período relativamente curto ele saiu do zero para 70, depois 120 e, ao fim, 300 alqueires de terra. Deparou-se, então, com outro tipo de dilema: não era tão simples administrar 300 alqueires de terra. Partiu para o arrendamento.

Setenta alqueires comprei, depois 120, depois completou 300 alqueires! Em Valparaíso. Sozinho, com 35 anos de idade. Trezentos alqueires [é] custoso manobrar sozinho! Então resolveu vender. Depois pensou. Tempo de guerra. Já estava tempo de guerra. Melhor arrendar terra do que vender. Porque vendendo, fica sem terra. Mas, arrendando terra, recebe arrendamento e ainda fica sobrando terra. Percebi nesse tempo. Esse não convém vender. Começou a arrendar terra e receber arrendamento (DAIJÓ, 1991, 51m22s).

A bonança não era sentida só por Takahide. Tomoo dedica ao período de fartura um capítulo inteiro, intitulado: “Os núcleos de colonização no auge da prosperidade (1930-1940)”, em que há um subtítulo especialmente alinhado com a narrativa de Takahide: “A vida dos imigrantes, quando passaram a ser pequenos proprietários (moradia e alimentação)”. Narra-se muito do contexto que não ficou explícito na entrevista de Takahide.

No capítulo 45, “A força dos japoneses na região noroeste do estado de São Paulo”, uma tabela demonstra, em números, a participação dos japoneses proprietários de terra. Comparando os anos de 1933 e 1938, observa-se que a quantidade de japoneses proprietários (ao longo da estrada de ferro noroeste e arredores) salta de 2.908 para 3.969. Tomoo nos ajuda a entender o tamanho da distinção de Takahide nesse contexto, especialmente perante os seus compatriotas, ao dividir a quantidade de hectares pela de proprietários.

Por outro lado, enquanto a média de área possuída pelos 2.908 imigrantes em 1933 era de pouco menos de 16 alqueires, em 1938 essa média se reduz para 15,6 alqueires para cada um dos 3.969 imigrantes. Os números parecem apontar que os imigrantes tinham pressa em ficar independentes e possuir o seu pedaço de terra, mesmo que este fosse uma pequena área (HANDA, 1987, p. 523).

Em 1933, havia 140 mil imigrantes japoneses, número que subiu para 200 mil até 1938. A média por imigrante proprietário oscilava ao redor de 16 alqueires, Takahide possuía 300 alqueires — quase 20 vezes mais que a média — o que traduz claramente seu êxito.

### 13 Pecuária

Ao se perguntar, no capítulo 46, “Por que os japoneses se apegaram à agricultura?”, Tomoo faz breve menção aos japoneses pecuaristas:

Para um povo essencialmente agrícola, o comércio era algo muito trabalhoso. Era mais despreocupante pegar na enxada, caminho natural de um povo tradicionalmente agrário. Demoraram também em começar a lidar com a pecuária. Aliás, o que caracteriza a imigração japonesa é haver tão poucos pecuaristas japoneses até hoje (HANDA, 1987, p. 528).

Na entrevista, Takahide cita sua incursão pela pecuária de um jeito simplista. É fácil supor que os seus arrendatários não investiam no tratamento do solo (até porque, naquela época, isso não era usual). Assim, a produtividade baixou e o arrendatário se desencantou com a gleba. A solução para a recuperação do solo, segundo entendimento de Takahide, foi plantar capim e, o resultado, nesse caso, foi bom. Tão positivo a ponto de valer o investimento em cercas e em cabeças de gado.

Em Lavínia eu manobrava negócio de terra. [...] Quando arrendatário, não quis mais arrendar terra, porque terra estava ficando velha, eu plantei capim nessa antiga terra arrendada. Plantou, cercou o capim plantado e soltou o gado. Experimentou que esse gado deixa lucro. Aí foi o princípio de subida do recurso financeiro. Gado deixa muito lucro. Ficou provado (DAIJÓ, 1991, 53m22s).

O ganho financeiro veio e ele se encontrou. A partir daí, a bovinocultura de corte fomentou sua prosperidade. O pós-guerra mostrar-se-ia muito promissor aos seus negócios, os quais, posteriormente, somados ao investimento assertivo no mercado imobiliário, consolidou-o como um imigrante vitorioso.

### 14 Casamento

Tomoo minucia em seu livro o casamento dos imigrantes e suas múltiplas facetas. A palavra “casamento” aparece em vários momentos<sup>10</sup>. Afora a cerimônia, apresentam-se cenas do cotidiano desses casais. Embora brevemente, aborda-se até a lua-de-mel: “Sem condições

---

<sup>10</sup> Com destaque para: capítulo 25, “Um ano na vida dos pioneiros” (p. 243), capítulo 28, “Casamentos na sociedade formada pelos imigrantes” (p. 298) e capítulo 77, “A questão dos casamentos dos nisseis” (p. 794).



para uma verdadeira lua-de-mel, os recém-casados conformam-se e tiram uma soneca em seu quarto” (HANDA, 1987, p. 244).

Takahide casou-se aos 40 anos, algo atípico. De acordo com os relatos de Tomoo, os casais se uniam ainda na tenra juventude, labutavam e construíam, juntos, uma história. O próprio Takahide, em seu depoimento, destaca a situação como certa anomalia: “Bom... em 1942, com 40 anos de idade, resolvi casar. Imagina! Solteiro com 40 anos de idade! Nesse tempo, já estávamos em guerra. Meus irmãos todos no Brasil, todos casados e com filhos” (DAIJÓ, 1991, 54m45s).

Aparentemente, a decisão de se casar foi bem pensada. Sentia-se, enfim, preparado:

Eu era o mais velho de todos. Então eu pensei: melhor casar. Porque, com 40 anos de idade, não sou muito atrasado, sou professor da língua japonesa, guarda-livros — diplomado pela Faculdade de Comércio Don Pedro II (de Araçatuba) e registrado na Superintendência de Ensino Comercial do Rio de Janeiro<sup>11</sup> (DAIJÓ, 1991, 58m38s).

Casamentos entre homens mais velhos e mocinhas era usual na comunidade. Takahide, contudo, não era “um pouco mais velho”. Ele mesmo demonstra certo constrangimento ao falar sobre o assunto:

“Melhor casar. Mas, nesse tempo, cadê parceira? Cadê companheira? Cadê? Com 40 anos de idade... moça de 15, 16 anos, já é longe. Ficou esquisito, né?! Eu estava no hotel e tinha um quadro pendurado: “Rosa Daijô, professora acompanhada com seus alunos”. Fiquei esquisito: “será que não é companheira?” (DAIJÓ, 1991, 01h01m34s).

Na entrevista, Takahide afirma que viu a foto de Rosa com seus alunos e leu o nome “Rosa Daijô”, mas, na realidade ele leu “Rosa Kiguti”, pois era esse o seu nome de solteira. Eles se casaram no distrito de Valparaíso, no dia 13 de novembro de 1943. Ela tinha 28 anos. Tiveram três filhos: Katsunari (falecido precocemente), Harry e Zilah.

Rosa, diferentemente de Takahide, era nissei, nascida na cidade de Cambuhy (região de Matão/Araraquara), estado de São Paulo, a 7 de março de 1915. Seus pais, Takesaburo e Shim, emigraram de Hiroshima em 1913. Professora de corte e costura, era mulher à frente de seu tempo. Trabalhava, tinha seus próprios proventos e não cedeu ao matrimônio precoce. Os anos seguintes reforçaram a imagem da mulher virtuosa, cuja trajetória, repleta de trabalho, privações, atenção aos filhos e uma luta intensa contra o câncer, vale uma escrita oportuna e detalhada. A doença a levou em 8 de novembro de 1983.

---

<sup>11</sup> Decreto n.º 20.158, de 30 de junho de 1931.

## 15 Considerações finais

Com o adequado registro, o cotidiano de qualquer pessoa pode ajudar a escrever a grande história. A fonte oral, outrora controversa, consolidou-se com o passar dos anos. O documento audiovisual também se firmou como fonte confiável.

O livro de Tomoo Handa foi publicado em 1987 e Takahide fez questão de adquirir um exemplar. Ao tê-lo nas mãos percebeu, imediatamente, tratar-se de um documento especial. Justamente por isto, deixou registrado o seu desejo na primeira página da publicação, ao escrever, de próprio punho, os detalhes da compra. Como uma espécie de dedicatória, também escreveu: “para filhos e netos” e advertiu: “Proibido emprestar, doar livros, inclusive este” — deixando claro o quanto aquele livro era valioso (não só) para ele.

É inquietante e, ao mesmo tempo, notável imaginar que a história que ele leu, aos 85 anos de idade, era também a sua própria história!

De qualquer modo, alinhar os depoimentos desses dois imigrantes tão especiais e perceber, claramente, que um corrobora o outro (de maneira harmoniosa e constante) é, de certa forma, como trazer um foco de luz a uma história anônima em meio a uma grande epopeia. O entrevistado demonstrou ser capaz de, com seu testemunho pessoal, contribuir com a história da imigração japonesa no Brasil.

O próprio Tomoo, nos últimos parágrafos de seu livro, realça a importância de a história da imigração ser escrita constantemente e contada, preferencialmente, por várias vozes. Aponta também para a urgente necessidade de se documentar os inúmeros e valiosos depoimentos dos mais velhos — antes que eles nos deixem.

Ao fim de suas vidas, mais uma coincidência cronológica aproximaria os imigrantes, àquela altura, nonagenários: Tomoo faleceu em Atibaia, em 1996 e Takahide, poucos meses depois, em São Paulo, em 1997. O médico, Dr. Toshio Chiba, assinou, na madrugada do dia 9 de abril de 1997, em São Paulo, o seu atestado de óbito. Aos 93 anos de idade, o cidadão nascido japonês, de nome Jira Ogusuku, falecia brasileiro, Takahide Daijô.

## Referências bibliográficas

DAIJÓ, Harry Takahide. 1 Video (1h04min30s). **Entrevista com o Comendador Takahide Daijô**. Youtube, 30 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2o90q3-3w8k>. Acesso em: 13 de fev. de 2022.

HANDA, T. **O imigrante japonês, história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte.** São Paulo: Unesp, 2008.

HENSHALL, K. **História do Japão.** Lisboa: Edições 70, 2017.

SCARPIN, F. A.; TREVISAN, M. B. **História e memória: diálogos e tensões.** Curitiba: Intersaberes, 2010.

TAJIRI, T.; YAMASHIRO, J.; KIYOTANI, M. **Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1992.